

humanitas

Vol. XXIX-XXX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXIX-XXX



COIMBRA

MCMLXXVII-MCMLXXVIII

mento pelo beneditino trabalho realizado. As nossas observações (quando críticas) não pretendem mais que contribuir para a solução de alguns problemas que a edição do *Livro de Azares* levantou.

À bibliografia conviria acrescentar as seguintes obras portuguesas:

Nobreza de Portugal, direcção de Afonso Eduardo Martins Zúquete, Edit. Enciclopédia, Lisboa, 1960-1961, 3 vol. (edição monumental com abundante bibliografia).

Armorial Lusitano: genealogia e heráldica. Coordenação de Afonso Eduardo Martins Zúquete, Lisboa, 1961 (bibliografia nas pp. 16 e 719-723).

Gastão de Melo de Matos, *Heráldica*, Edit. Verbo, Lisboa, 1969.

JOSÉ GERALDES FREIRE

JOSÉ VAN DEN BESSELAAR, **António Vieira, História do Futuro (Livro Anteprimeiro)**. Edição crítica, prefaciada e comentada. Vol. I, Bibliografia, introdução e texto, pp. 282; Vol. II, Comentário, pp. 263, Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung, Münster Westfalen, 1976.

J. van den Besselaar estava bem preparado para fazer a edição crítica e o comentário da *História do Futuro*. Doutor em Filologia Clássica pela Universidade de Nimega (Holanda) com uma tese sobre Cassiodoro; autor de obras didácticas de grego e de latim, entre as quais distinguimos o *Propylaeum* (vol. I, *Sintaxe Latina Superior*; vol. II, *Leitura, exercícios, vocabulário* — Editora Herder, S. Paulo, 1960); professor de História da Antiguidade Clássica na Universidade de S. Paulo, de cujo magistério resultou o magnífico livro *Introdução aos Estudos Históricos* (3.^a ed., Herder, 1970); e de regresso ao seu país, Leitor de Português na Universidade de Nijmegen, tendo apresentado como lição inaugural *António Vieira en Holland* (I-XII-1967); estudioso da obra de Vieira pelo menos desde 1962, a ponto de a partir de 1966 os seus trabalhos versarem quase só aspectos do Crisóstomo Português — tudo se conjugava para que esta edição crítica tivesse as melhores garantias de trabalho consciencioso e mérito científico. Acresce ainda que este estudo foi patrocinado e publicado pelo Instituto Português da Sociedade Científica de Goerres, com sede em Lisboa, dirigido pelo Prof. Dr. Hans Flasche, onde há uma biblioteca altamente especializada em temas de cultura luso-brasileira (com sede na Rua Visconde de Seabra, 2 — Lisboa).

A *Introdução* (pp. 1-64), que dispensa qualquer apresentação de António Vieira, lança-nos em cheio nos problemas relativos ao «messianismo» de V., já detectável nos seus Sermões de 1630 a 1640; mostra como foi decisivo para V. um seu encontro com os rabinos em Amesterdão; abre-nos os horizontes para compreender os projectos da *Clavis Prophetarum* (deixada em esboços) e da *História do Futuro*, obras que (se existissem completas) seriam em parte semelhantes.

A ideia de escrever a HF surgiu a V. na segunda parte da década de 40, mas só a partir do «repouso» forçado no Porto e em Coimbra, desde fins de 1662 até 1665 pôde consagrar-se a escrever o que hoje possuímos e o que se perdeu. Foram anos difíceis estes, em que V. teve que prestar contas ao Santo Ofício pelas suas ideias sobre a «ressurreição de D. João IV». Tentou sempre esquivar-se a defender o fundo da sua opinião, não apresentando sequer a defesa exacta que tinha prometido. Mais o interessava avançar com o grande projecto da HF. Foi-lhe assim possível, a 23 de Março de 1665 enviar para amigos seus na Corte o princípio da obra, em parte para se justificar e em parte para alcançar protecção. Durante o processo, V. esteve preso desde 1-X-65 até 23-VII-66. Julgado a 23-XII-1667, esteve preso até Junho de 68, tendo sido solto graças a condicionalismos políticos favoráveis. Tempo doloroso este de Coimbra, em que V. chegou a prometer apresentar livros que não tinha escritos, mas que depois confessou serem apenas «pensamentos de livros»! (pp. 21 e 23). A esta época pertence também o seu Sermão de Santa Catarina, pregado na Universidade a 25-XI-1663.

Foi sobre os materiais escritos até esta época da vida de V. que J. van den Besselaar teve que exercer a sua pesquisa. Examinou minuciosamente os poucos autógrafos, os apógrafos e as edições relativas à HF. Das 59 questões que, segundo o seu «plano», V. pretendia tratar, nós só dispomos de 3. Teria escrito mais? Não sabemos. Entretanto, salvou-se o *Livro Anteprimeiro*. Deste mesmo, só foi redigida a Primeira Parte, à qual falta pelo menos o anunciado capítulo XIII; o próprio cap. XII ficou incompleto; a argumentação final sobre a «segunda razão» por que algumas vezes podemos discordar dos Padres da Igreja ficou inacabada; o próprio último período não foi concluído, pois termina com uma vírgula! Verdadeira Capela Imperfeita ou Sinfonia Incompleta esta *História do Futuro*!

Após porfiados estudos sobre Vieira, além da HF promete agora Van den Besselaar publicar, à parte, um estudo lexicológico do Livro Anteprimeiro e ainda uma inédita obra *Ante Vieira*.

Nós gostaríamos de ver na *Introdução*, a par da descrição dos manuscritos (pp. 36-40), um *stemma codicum*, tal como se faz para a dependência das edições, todas a partir da primeira, de 1718 (cf. p. 57). Do mesmo modo, pensamos que no princípio de cada capítulo conviria indicar quais os manuscritos que estão a ser colacionados, para podermos interpretar devidamente o aparato crítico.

O estabelecimento do texto revela-se um trabalho paciente e meditado, ao longo do qual se resolveram muitas dificuldades nunca vencidas e se tornaram inteligíveis alguns passos que andavam corrompidos desde a primeira edição. Por esta laboriosa e conseguida tarefa devemos felicitar vivamente o Prof. Van den Besselaar.

Segundo contagem apresentada pelo editor, além das inúmeras melhorias conseguidas pelo exame crítico dos diversos manuscritos, o texto foi «melhorado» com 85 conjecturas. Reconheçamos que muitas destas conjecturas são de pontuação, ortografia, correcção de nomes deturpados, etc. Em alguns casos, porém, é a própria compreensão do texto que está em causa. De várias destas conjecturas devemos dizer que as julgamos felizes. Não assim com um pequeno número, de que vamos registar as principais. Adoptamos a norma do editor de indicar o capítulo e a linha desta edição.

Em XII, 1015-1017 diz que os Brasis «não só matão seus inimigos, mas depois de mortos, *os espedação, os assão, os comem e os cação* a este fim». Os dois manus-

critos citados, e também as edições, têm igualmente 4 verbos. Acontece, porém, que o ms. ζ omite *cozem* e escreve *cassem*. Quanto a nós, trata-se de um erro de leitura, cuja evolução gráfica podemos desenvolver assim: «cozem < cocem < cassem». A hesitação da primeira edição é manifesta. Para justificar a interpretação de ζ, «cassem a este fim», transpôs o lugar de *assão* e juntou no fim a lição ζ de γ com o acrescento de ζ, ficando: *os despedaçam, e os comem, e os assão, e os cozem a este fim*. Em nosso entender, a lição autêntica é a de γ, devendo o final do fragmento citado ser assim: *os espedaçam, os assão, os cozem e os comem*. Com a conjectura de Van den Besselaar «os cação» passou, pela primeira vez, para letra de forma!

A propósito de promessas de esperanças na *História do Futuro*, fala Vieira do Céu e do Limbo. Acrescenta (II, 90-92): «Taes são as promessas dilatadas; se nellas se promete a vida, são morte; se nellas se promete o paraíso, são inferno. O Limbo chamava-se inferno. E porque?». A explicação sobre o nome do Limbo só se encontra no ms. ζ e nas edições, que dele copiaram. Quanto a nós, trata-se de uma glosa, talvez à margem no modelo de ζ, que não se encontra em nenhum dos outros (quatro) manuscritos. Sendo assim, devia ter sido eliminada do texto a frase que sublinhámos. A sequência do pensamento é mais límpida. Como vemos, ζ faz pequenos acrescentos, o que vem justificar a nossa desconfiança quanto à lição que nos dá também no acrescento citado na discussão anterior de XII, 1016.

Em XII, 846-848 escreve a edição: «E donde até agora se não colheo fruto, eu farey que se cõlhão *frutos* muito copyosos e de todo genero». Mais uma vez, a lição de γ é a melhor. O ms. ζ revela a sua hesitação ao escrever: «que se cõlhão muyto *preciosos ou copiosos*». O acrescento da palavra *frutos* só se encontra no ms. θ, que é secundário e contaminado (de manuscritos e da edição). O sentido da frase, sem a palavra *frutos* é perfeitamente aceitável. Sendo assim, não nos parece legítimo «melhorar» o texto de Vieira, ainda que aceitássemos que ele, se pudesse polir o seu original, viria a «adoptar» a conjectura estilística de Van den Besselaar!

Estas são, pela ordem da importância, a três mais graves (!) emendas a fazer, originadas pelas conjecturas. Temos mais um pequeno número de discordâncias, de que apresentamos, resumidamente, as principais. Juntamos, por ordem da sequência do texto, algumas propostas de emenda, resultantes da confrontação dos manuscritos.

Em I, 170 têm: *o título da historia*. Não seria de acrescentar «o título e nome», porque os manuscritos que substituem *título* por *nome* são os *deteriores* e, além disso, os mesmos que, na linha 172 também substituem *argumento* por *nome*, lição esta que Van den Besselaar (e muito bem) não adoptou.

Em II, 103 «esperanças que hão de ler os que virem» não atende a que *ler* está fora do jogo de palavras. É preferível a lição de ζ: «*ver os que virem, e que hão de ver os que vivem*» etc.

Em VIII, 134 fez-se uma contaminação desnecessária. Muito provavelmente o melhor texto é o de ζ: *particular e íntima amizade e correspondência*. Supomos que apenas se deu um *salto* em γ.

Em VIII, 222, contra todos os códices e edições, emenda *Reyno de Judéa* para «Reyno de Judá». O pior é que, no *Comentário* (II vol., p. 84) o próprio V.d. B. reconhece que «é possível também que Vieira (...) escrevesse *Judéa*»! A conjectura, em crítica textual, não é para emendar para o que seria o melhor, mas, só em

caso de dificuldade da tradição manuscrita, reconstituir o que, muito provavelmente, o Autor escreveu. Numa conhecida poesia de Augusto Gil também se diz que Nossa Senhora «tinha um noivo de origem/ dos velhos reis da Judeia».

Em IX, 218-219 na frase ... «profecia pela ordem *em* que a necessidade ou ocasião o for pedindo», a introdução de *em*, contra todos, não é recomendável, por desnecessária. A regência dos nomes é muito difícil e variada em português (e em neerlandês!) para se justificar uma normalização destas.

Em IX, 276-279 temos três vezes o verbo *há* (presente), embora uma vez em perífrase com valor de futuro. Nada aconselha a mudar para: «Que historiador *houve* de tão limpo coração». A perfeita variedade dos tempos é uma conjectura de que Vieira não precisa.

Em X, 69, onde está «descubram com poucas *enxadas*», supomos nós (contra todos) que se deve ler: *enxadadas*. De facto, cada um dos trabalhadores da última hora poderá descobrir, *com poucas enxadas*, o que não encontraram os que cavaram o dia inteiro.

Em X, 73-74 Vieira atribui determinado pensamento a S. Jerónimo. Van den Besselaar achou esse pensamento melhor expresso em Santo Ireneu, e vá de alterar o texto, mas com pouco «estreyta propriedade»! Aliás, como se pode ver no Comentário (II vol., p. 110, nota 3) S. Jerónimo diz com bastante clareza o que Vieira lhe atribui. E se Vieira se tivesse enganado? Ainda assim devia manter-se a lição «São Jeronimo» que não é fácil de confundir com *Santo Ireneu*. Não pretendemos corrigir os erros mentais de Vieira, mas apenas as corrupções do texto.

Em XI, 13 preferimos a lição de ζII: «Pensão *he* muy antiga». Supomos que não se trata de uma frase nominal, mas de um lapso de γ, que omitiu *he*.

Em XI, 189 força-se uma interpretação, quando a dos manuscritos também é possível: «parenthesis excessivo e infinito de *luz*, com a qual» ... Inútil a conjectura *o qual*, tendo como antecedente *parêntese*.

Em XII, 674, repetindo em parte o que se encontra em 666, foi metido, inutilmente, contra todos os códices: *Disse o mesmo Salamão*. Pensamos que deve ser cortado de novo, porque à pergunta anterior responde Vieira imediatamente com uma citação bíblica e sua tradução.

Em XII, 903 foi suprimido um *os* demonstrativo, quando a sua presença se justifica bem: «sentiam ou murmuravam os que lhes parecia inútil». A supressão de *os*, fazendo de *que* uma conjunção, é engenhosa, mas inútil.

Em XII, 1513-1514 não nos repugna a redacção: «significava outra melhor Jerusalém, que *he Roma, e cabeça* da Igreja». A troca de *e* por *a* pode parecer necessária a quem não se adapte a construções deste tipo: «Coimbra e Paço das Escolas», «Coimbra e Casa da Infância»...

Em XII, 1541, 1557, 1574-75 Van den Besselaar seguiu injustificadamente a lição de κ. Nestes passos, as lições deste manuscrito são mais imperfeitas que as de todos os outros manuscritos! Não percebemos por que se deixou o editor seduzir por κ, cuja leitura, aliás, abandona logo em 1596-97. Neste último passo julgamos dispensável o parêntese oblíquo, porque a palavra introduzida se encontra num dos manuscritos.

O editor tratou na Introdução (p. 59) e no Comentário (p. 86-87) do feminino de *comun*. A par da forma igual ao masculino, as restantes encaminham-se todas para *comua*, com a nasalação do *u*. Por isso, pensamos que não é senão

uma convenção ortográfica (hoje quase malsonante para os portugueses) escrever *communa*, grafia que podia ser evitada em VIII,325 (*sentença communa*) e até em App. III,31 (*tradição comuna*), embora nesta última citação seja mais defensável, por se tratar de um manuscrito único.

Não há autor que esteja isento dos malefícios das gralhas tipográficas. Estas, porém, são fatais, quando se trata de uma edição *crítica*, cujo texto se supõe muito bem revisto para o contrapor aos erros dos outros copistas. Neste sentido, estranhemos não ter sido feita qualquer nota de *corrigenda*. Nós anotámos: Para se avaliar *e* esperança (= *a*), em II,95; do império de Assuero que era *a* dos Persas (= *o*), em III,47; Terra (...) *provoad*a de homens (= *povoada*), em XII,476; louver (= *louvar*) em XII,512. Dos outros casos não cuidamos aqui, excepto da transformação, no Comentário (VIII,25), do português Álvaro Pais em *A. Paris*!

Em alguns casos parece-nos que não se trata de gralha, mas de critério ortográfico. Nós dizemos *Manassés* (e não *Menasse*), *Tigre* e *Matilde* (e não *Tigres* e *Matildes*), Catarina de *Sena* (e não de *Siena*). Também pensamos que a cidade de que Horosco foi bispo é *Cádiz* (e não *Guádix*). Pomos de parte, evidentemente, alguns brasileirismos de J.v.d. Besselaar, como «citado *por* nosso autor» e sobretudo a intrigante (para nós que vivemos em Coimbra) «chácara Vila Franca» (p. 10), onde Vieira passou algum tempo. Valeu-nos o Dicionário de Américo Costa que nos diz tratar-se da Quinta de Vila Franca, na freguesia de Santo António dos Olivais, onde havia uma casa de repouso dos jesuítas.

É-nos impossível terminar sem manifestar a nossa admiração pelo enorme trabalho que revela o II volume, com o profuso e minucioso comentário, sempre reduzido ao essencial. Temos ali profunda erudição literária, linguística, histórica, bíblica, patristica, clássica, filosófica, teológica, etc. Vieira obrigou a uma busca laboriosa de fontes e de lugares paralelos. Os especialistas de cada assunto encontrarão imperfeições. Não se pode fazer de cada nota (apesar de algumas serem longas) um tratado. Limitando-nos ao que mais de perto nos toca, diremos que Pascásio de Dume não deve ser tratado como Santo (p. 255), ao passo a veneração pelas virtudes do Infante D. Henrique (p. 172) pode ser comprovada desde os seus contemporâneos. D. Rodrigo da Cunha, que foi bispo de Portalegre de 1616 a 1619, escreveu várias obras históricas e jurídicas. Não sabemos que as tenha escrito «polémicas».

Propositadamente, não quisemos demorar-nos senão na análise do texto crítico. Quer este, quer a introdução, quer o brilhante comentário, colocam o Prof. Dr. J. van den Besselaar entre os grandes mestres da obra de António Vieira, não apenas o da *História do Futuro*, mas também o dos *Sermões* e das *Cartas*.

JOSÉ GERALDES FREIRE